RUY BARBOSA

(Ligeiro perfil)

POR

Antonio Theodorico da Costa,

ENGENHEIRO CIVIL.

Brasil! Brasil! Eu te saúdo. Sempre te amei muito com a maior effusão de minha alma. Sempre te desejei dias os mais venturosos, futuro o mais promissor.

Tu, que és a Patria de Pedro II e José Bonifacio; de Feijó e Mont'Alverne; de Cotegipe e Alencar; de Farias Britto e Euclydes da Cunha; de Osorio e Pedro Americo; de Carlos Gomes e Tobias Barreto; de Castro Alves e Osvaldo Cruz, inspira-me, eu te supplico. Dá-me um verbo forte e eloquente. Empresta á minha pobre palavra a magestade de tuas frondosas florestas, a grandeza de tuas immensas caudaes, o brilho immaculo de teu formoso céu, o perfume inebriante de teus lyrios e açucenas, as côres cambiantes de tuas auroras esplendentes, a belleza encantadora dos teus prados floridos, a eloquencia vivaz de teus ardorosos tribunos, o estro mavioso de teus inspirados poetas e trovadores, para que possa fallar, neste momento solennissimo, desse teu grande filho, hontem desapparecido nas sombras impenetraveis do tumulo.

E vós, Omnipotente Deus! que sois a Bondade e o Amor, a Esperança e o Perdão, escutae-me e julgae,

com a vossa indefectivel justiça, si profanei a verdade sobre esse teu filho abençoado, que foi o nosso maior thesouro.

Não cabe no tumulo porque enche mais amplos horizontes na Historia.
(Palavras de um orador lusitano, nas exequias de Almeida Garrett).

Senhores:

Mais um que tombou sem vida em meio do turbilhão humano. Pertenceu a essa «luminosa constellação de genios, na feliz expressão de um grande e famoso orador brasileiro, que foram na vida evolutiva da Nação os vertices de um triangulo equilatero—Joaquim Nabuco—Rio Branco—Ruy Barbosa».

«Tres estadistas, tres diplomatas, tres escriptores; nos parlamentos, nas embaixadas, na imprensa; no foro, na cathedra, na curul; na tribuna, no gabinete, na praça publica, onde quer que esse trinomio surgisse, a sua simples presença reclamava o apparecimento de um Newton capaz de vencel-o. Tres mosqueteiros da Patria brasileira, a synthese do espirito tradicional do Imperio, polido, lapidado pela evolução e pelo attrito das energias modernas».

Nos fastos de nossa historia—1.º de março não será sómente uma grandiosa e festiva data nacional a relembrar victorias e triumphos nos campos do Paraguay; marcará, d'ora por deante, uma data triste e luctuosa com a morte do maior dos filhos d'America, e, por que não dizel-o? a maior cerebração dos tempos contemporaneos. Que dôr immensa produziu ella em todos os nossos corações! Como echoou tam pungentemente, em todos os pontos do intermino paiz, a desgraçada noticia, nas montanhas e nos valles, nas cidades, villas e aldeias, nas mais distanciadas paragens! Angustioso momento foi esse. Lembro-me bem, e ainda me sinto commovido com o fragor de acontecimento tamanho. Ainda vibravam no meu espirito as impressões de seus ultimos discursos, que eu vinha relendo e admirando cada vez mais; o seu estylo incomparavel, primando

pela limpidez, pureza e perfeição da linguagem, os seus conceitos e as suas idéas, tudo isto vasado nas mais bellas e formosas gemmas e nas mais delicadas e preciosas joias literarias. E vi, com os meus proprios olhos, que a magoa fôra geral. Ninguem, que não lamentasse tam fatal desenlace; ninguem, que não tivesse palavras de piedade para aquelle homem excepcional; ninguem, que não lamentasse o Brasil, perdendo o seu grande filho, a quem Coelho Netto já chamára -raio de sol na Terra, esplendor e aureola da Patria.

Eu fui tambem, nessa desoladora corrente, mais inconsolavel que os outros, porque tinha para esse homem mais que um culto :—uma adoração, um fetichismo.

E subjugados por tam innominavel fatalidade, curvamos todos nós a cabeça em homenagem e respeito aos designios da Providencia.

Senhores :

Tudo passa sobre a Terra — honras e brazões, riquezas e vaidades, opulencia e orgulho; nada resiste ás nortadas devastadoras dos tempos. Que digo eu ? Não. As grandezas da Intelligencia, representadas pelas suas obras utilissimas, não desapparecem. E a Humanidade vae nellas beber, quotidianamente, inspirações, no intuito de, ampliando-as e desenvolvendo-as, induzindo e deduzindo, attingir á méta de seus idéaes.

Percorrei as paginas da Historia, desde os primeiros albores das civilizações primitivas até os dias de hoje, e vereis que ellas apresentam um valor immenso, e os varões illustres, seus autores, pela irradiação eterna de seu genio, têm seus nomes inscriptos no Pantheon Universal.

A Biblia, o Ramayana, os Dialogos, a Metaphysica, a Iliada, a Odysséa, a Eneida, a Jerusalém Libertada, a Divina Comedia, os Lusiadas, Dom Quixote, Paraiso Perdido e Kosmos vêm atravessando seculos e seculos.

Ruy Barbosa é um desses varões. Passou pela vida semeiando idéas. Cahiu esmagado pela fatalidade cruel dos destinos dos homens, mas as suas obras, de profunda meditação e de muita seiva intellectual, formando

um opulento cabedal de 114 volumes, estas hão de perdurar, hão de atravessar as epochas para ensinamento dos povos; estas hão de penetrar pelo futuro além, num crescendo de brilho e de fulgor, percorrendo admiravel trajectoria de luz, no céu do pensamento humano.

Muitos são os aspectos por que se pode encarar a vida dessa creatura genial. A infancia e a juventude, o academico e o advogado, o orador, o jornalista, o politico, o jurisconsulto, o philosopho, o philologo, o crente. Em qualquer dessas feições, é digno das maiores admirações e dos maximos louvores. Um feiticeiro dominando tudo, e, por isso mesmo, amado pela mentalidade brasileira, pela mentalidade contemporanea.

Quem o não admirou com enthusiasmo, como um excelso triumphador em todos os illuminados prelios da Intelligencia? em todos os momentos difficeis do paiz, ou cantando o Céu, a Terra e o Mar, a Liberdade e o Amor, o Homem ou Deus, em uma linda prosa, quase versos feitos «do aroma das flôres, e do gorgeio das aves, do riso das creanças e da graça da mulher, da alegria da vida e da tristeza das cousas»; ou causticando, como um ferro em brasa, todas as nossas descaidas, os nossos recuos, as nossas pusilanimidades na senda brilhante do Progresso? Que bello vel-o dominando os auditorios com a sua palavra encantadora, toda cheia de harmonia e de luz, escutada pelo mundo inteiro, como si fosse de um propheta insigne e miraculoso, de pé e no vertice do Pensamento humano, a fallar com o seu Verbo flammejante, vibrando em todas as gammas, com a grandeza de sua Intelligencia e com a sua fecundidade tam miraculosa, em nome do Direito, em nome da Justiça, em nome da Liberdade, abrindo caminho ás novas idéas e para servir tam sómente ás mais justas aspirações do povo. Um Miguel Angelo da palavra. Assombra, enthusiasma, seduz, fascina.

Quem o não admirou, vendo-o exercer no jornalismo brasileiro a suprema realeza, comprehendendo a missão verdadeiramente civilizadora da imprensa, distribuindo os seus beneficios de luz e revelando-se como

a magna semeadora das grandes soluções dos problemas que encaminham os povos para as suas mais alevantadas aspirações? Um espirito de combatividade a centuplicar-se. Uma riqueza de imaginação a expandir-se ao infinito.

Quem o não admirou, como um soldado destemido em favor da libertação dos captivos nas memoraveis pugnas da tribuna e nos gloriosos comicios democraticos e, como um valoroso vexilario, desfraldando a bandeira sacrosanta ao bafejo ardente dos enthusiasmos populares? Os seus discursos tinham o poder dos grandes explosivos «um raio a sua palavra, e com ella calcinava, destruia, arrasava, illuminava». «Nas batalhas, que fere, participa de tudo quanto constitue as tempestades; sibila como o vento, clareia como o relampago, abate como os fuzis, ribomba como o trovão, rebrama como as vagas. Era um novo Antheu que ia buscar a fôrça ás entranhas da Terra, um novo Prometheu indo roubar a luz ás constellações dos céus».

E agora á frente de novos ídéaes, nos primeiros alvoreceres do movimento republicano no paiz, que, diga-se de passagem e em abono da verdade, não surgiram com o celebre manifesto de 70. Antes dessa data, no Aracaty, Ceará, o ardoroso e intelligente jovem Julio Cesar da Fonseca já havia desfraldado a bandeira da Democracia, com outros cruzados que sonhavam ídéaes os mais nobres e queriam, com o advento da Republica, dias mais felizes e venturosos para a querida Patria.

O que foi o seu prestigio, decidindo com as suas palavras todas as questões, dizem-o bem alto os seus actos, iniciativas e medidas, como o primeiro dentre os primeiros do ministerio fundador, legando-nos a Magna Carta, que é um monumento de justiça, de sabedoria e de liberdade.

Senhores:

O mundo ou, melhor, os povos não compreenderam o que vale a Paz, como base do Progresso humano.

As suas lutas são de todos os dias. De vez em

quando surgem pendencias, surgem questões que, longe de serem resolvidas, portas a dentro das chancellarias, em uma atmosphera de calma e de amisade, tendo por fundamento o Direito e a Justiça, são decididas nos campos de batalha, sob um chuveiro de balas, com a fumarada da polvora, com o rolar dos canhões, no estridor das ruinas e nos gemidos dos moribundos. Reunem-se as potencias e querem ditar os principios dessa concordia tam almejada. Frustrados os desejos do 1.º Congresso reunido. Convoca-se um outro e Haya é a séde dessas reuniões de plenipotenciarios do saber, dos *leaders* das nações mais civilizadas do orbe.

Ruy é o nosso eminente embaixador. O que foi seu valor, posto em relêvo imperecivel entre os representantes da Civilização Universal, dil-o eloquentemente a sua posição naquelle Parlamento, naquelle Concilio Ecumenico das Soberanias. Haya o apontou como o grande amigo da Paz. Tinha, assim, chegado ao fastigio da gloria, ao zenith de uma grandeza sem egual. Frustrados, ainda uma vez, os designios desse segundo Congresso.

A Europa toda é agora um vulcão. Aguarda-se apenas o seu explodir. E, em 1914, sente-se o primeiro estremecimento, o primeiro abalo sismico daquelles corações. Aprestam-se os combatentes, enfileiram-se os exercitos; a formidavel guerra estala por todos os cantos da região civilizada. Era um delirio de sangue em seus grandes paroxismos. As nações d'America vão tomar parte agora no conflicto innominavel, naquella sangueira terrorosa que estava a aviltar a Civilização. O Brasil, quase indeciso e vacillante, não firma a sua opinião, não assume attitude definitiva por uns ou por outros dos invenciveis belligerantes. Ruy Barbosa vae a Buenos-Ayres em missão diplomatica e ahi profere a sua grande e oracular lição de direito internacional, que os povos receberam em alviçaras de oiro, como a mais bella e a mais profunda de quantas pode produzir o espirito humano. O Brasil está agora ao lado

dos alliados, prestando-lhes apoio moral, fornecendo-lhes recursos materiaes inestimaveis.

E assim, «emquanto volta de Haya, como a pomba de alliança trazendo no bico o ramo de oliveira da Paz, voltou tambem de Buenos-Ayres, como o condor da fraternidade americana, trazendo nas garras a Magna Carta dos povos. Haya foi o Ararat onde parou a arca dos direitos internacionaes; Buenos-Ayres os Andes onde pousou a aguia, dando o grito de amor e justiça».

Consolidava assim o—tudo nos une, nada nos separa—,expressão a mais bella de solidariedade do Novo Mundo que culminará, em futuro não remoto, o vertice da Civilização Universal.

Que dizer delle como philologo, o mais famoso e inimitavel joalheiro da lingua, o mais profundo conhecedor do idioma portuguez; jurisconsulto, uma assombrosa capacidade juridica, e como crente? Ah! como crente! Um doutrinador convencido e esforçado dos sãos principios dictados pelo Evangelho. Sua alma vivia illuminada pelos clarões da Fé. Na fé, «que é o principio e o germe de tudo que é grande e perduravel», firmou as bases de sua vida moral. Foi um esteio forte de Christianismo no Brasil, «em cuja escola vivia a apprender o segredo das exaltações legitimas e a beber a seiva das grandes virtudes». Um homem completo pelo espirito, pelos sentimentos, pelo coração.

Foi um vulto de tam formidavel valor, que desappareceu para sempre do nosso scenario.

Já o disse alguem: «O Brasil só tem agora uma grandeza, a do seu territorio, a dos seus mares e céus. A outra, que era a maior, perdeu-se — Ruy Barbosa, symbolo de nosso orgulho, e gloria de nossa raça. Ficaram as florestas e as montanhas, as estrellas e as aguas, mas desappareceu a maravilha de mui enlevo nesse ambiente de magnitude e esplendor».

Perdemos a nossa maior gloria intellectual, que integrava em si a historia de meio seculo de nossa vida de nação, batendo-se por todas as conquistas nobres, fazendo-se centro de luz e de saber, de energias e

fôrças vivas, um alvo de attracção pela irradiação das suas idéas mais liberaes e para onde convergiam todos os nossos olhares e todas as nossas esperanças. A' frente das grandes causas do Brasil, era o paradigma da Verdade, o padroeiro da Justiça, o defensor da Liberdade.

O seu enterramento na Capital brasileira, na cidade Luz, foi um espectaculo nunca visto. Quinhentas mil pessôas accompanharam aquelle feretro sagrado, que ia caminho de seu destino final, por entre lagrimas e prantos que bem traduziam o respeito e a admiração, o affecto e o amor ao estadista supremo da Republica. A Patria toda alli se representava nesse sincero tributo de gratidão. E, de marcha o prestito funebre, ouviam-se vozes psalmodiando nenias e cantando adeuses, e creanças de mãos postas aos Céus para que de lá viessem as bençãos sobre aquelle grande ser, que fôra, não ha negal-o, um bello coração, uma alma generosa e bôa.

Era a apotheose da dôr. A Consagração no seu maior deslumbramento.

Senhores. «A morte não anniquila todo o nosso ser. Não passa a vida humana como a luz que se apaga, a onda que se desfaz, o som que se extingue». Ha uma cousa além, ha uma cousa indefinivel, que eu sinto, que eu comprehendo. Não podem ter os destinos do nada, esse nada que se não explica, esse nada que ninguem traduz, tantas lagrimas de saudades oriundas do intimo, tantos prantos magoados que murmuram adeuses, tantas preces piedosas que o coração modula em palpitações de amôr e que os labios tremulos balbuciam, elevando-as aos Céus.

Não nos espera uma noite infinda, não nos espera uma noite sem estrellas, uma noite sem esperanças de auroras. Caminhar para o nada não póde ser o destino do homem. Merecimentos e honras, talento e formosura, brios e pundonores, virtudes e bondades, tudo

ir mergulhar nesse cahos que é o nada, tudo se resumir nesse além intangivel, nesse horror sem nenhuma significação, entregando-nos assim aos desamparos, ás saudades e ás dôres. Viver na luta eterna e, depois dessa eterna luta, o nada, o nada terroroso que não quer alma, nem luz, nem Deus ! Não e não ! O homem não morre, O homem não vae todo á sepultura; nem a sepultura significa o anniquilamento, porque a morte não mata o ser, a morte não no reduz ao nada. A cova é tambem berço; a morte não é a destruição. A vida, que é a intelligencia, a caridade, o affecto, a amizade, o amôr, não póde ser reduzida a um punhado de pó que o vento separa e carrega, a um nada inconcebivel e alterrador.

Nós é que não podemos explicar os mysterios do tumulo; nós é que não podemos sondar as trevas do sepulchro. São segredos impenetraveis; são enigmas formidandos que o homem vê e sente, e nem explica e nem comprehende. O tumulo, como um abysmo de densa escuridão, não nos deve apavorar. A noite é tambem escura e ella só é feita de trevas para os nossos pobres olhos de simples mortaes.

Dentro da noite ha myriades de sóes, ha infinitas promessas de alvoreceres que se realizam, como dentro da hulha, bem negra tambem, em estado latente, ha grande claridade, ha verdadeiros dias de luz, calor e movimento. O tumulo para nós, os crentes, como a noite escura, encerra tambem sóes e auroras, uma vida que é como que um diluculo de um dia eterno.

A morte é uma reviviscencia, é uma resurreição.

Elle, Ruy Barbosa, assim o pensava, quando dizia : «a morte não extingue, transforma; não anniquila, renova; não divorcia, approxima».

Senhores. Uma assumpção gloriosa foi a morte de Ruy Barbosa. O Brasil chorou muito a perda desse seu dilecto filho, que era o simbolo da lei, uma grandeza immensuravel, o maximo operario de nossa civilização.

As nações cultas do Globo cobriram de crepe as suas Bandeiras. De toda a redondeza do Planeta, do

Pacifico ao Atlantico, de um e de outro hemispherio, vieram telegrammas os mais significativos de condolencias pelo doloroso trespasse.

Foi um acontecimento para luto universal.

Agora, as minhas ultimas palavras. Meus dignos patricios.

Levantemo-nos. Todos de pé e olhares voltados para a grandeza futura do Brasil.

Levemos em um côro, unisono de applausos, o seu inesquecivel nome—Ruy Barbosa, aos humbraes da Immortalidade, onde já o esperam os Luminares da Sciencia, os Apostolos do Bem, os Vultos Geniaes de todas as civilizações.

De volta desse Pantheon, que é o proprio coração da Humanidade, nós, Brasileiros, em uma prece de amôr, derramemos sobre o seu tumulo prantos os mais sinceros, saudades as mais enternecidas de affecto, e depois . . . depois . . . depois digamos aos nossos filhos e aos nossos porvindouros—não esqueçaes nunca essa memoria. E' a de um Brasileiro, modelo vivissimo e exemplo maravilhoso de amôr á Familia, á Patria, a Deus, o seu grande carinho, o seu grande idéal, a sua grande Esperança.